

# EUA não querem que Bird dê aval ao Brasil

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — O Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, chega hoje à capital dos Estados Unidos para uma série de reuniões em meio a um clima desfavorável, que coloca em risco um ponto essencial da negociação da dívida externa brasileira. Para conceder novos empréstimos ao País — algo em torno de US\$ 5 bilhões — os banqueiros privados querem que o Banco Mundial avalise parte desse pacote. Mas o Secretário do Tesouro americano, James Baker III, já advertiu os próprios credores de que isso não acontecerá. Segundo ele, os Estados Unidos são contrários a esse aval.

A posição americana foi anunciada publicamente na noite de quarta-feira durante reunião de banqueiros em Boca Ratón, na Flórida, através do Secretário Adjunto do Tesouro para Assuntos Interamericanos, David Mulford. Ele disse em seu discurso que a Casa Branca não está disposta a expor os contribuintes americanos ao risco de garantir a dívida do Brasil e de outros países. E como os Estados Unidos é que contribuem com a maior parte do capital do Bird, seu poder de veto deverá ser exercido: a diretoria desse organismo multilateral já foi notificada, segundo ele, de que o voto americano é contrário ao endosso:

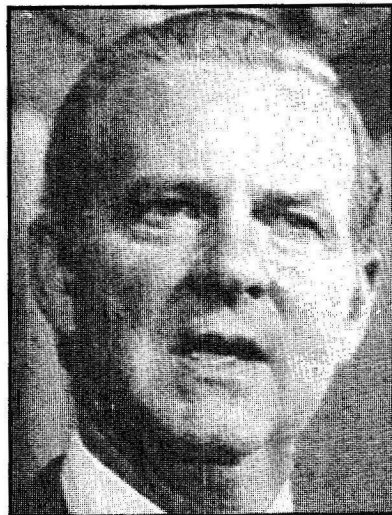
— Nós achamos que não cabe ao



**Subsecretário Adjunto David Mulford**

Banco Mundial oferecer garantias. Isso só deve acontecer em caso excepcional. O uso de tais garantias, portanto, continuará limitado.

Essa medida foi recebida com o aplauso do mais influente porta-voz do mundo financeiro, o "Wall Street Journal". No seu editorial de ontem, a posição de Baker foi literalmente elogiada com a expressão "Bravo!". A política desenvolvida pelo Ministro Mailson da Nóbrega foi ressaltada no artigo: "Ele tem feito sérias e até corajosas tentativas de diminuir o déficit federal", diz um trecho. Mas isso não seria suficiente para a ob-



**Secretário James Baker III**

tenção de um aval do governo americano.

"Os bancos americanos, em particular o Citicorp, querem continuar a fazer negócios com o Brasil, só que nos melhores termos possíveis. Essa é uma posição razoável, mas talvez requeira alguma resposta no momento em que os brasileiros fazem sérios esforços para reformar sua economia. De qualquer forma, as futuras relações entre os bancos e o Brasil serão muito mais saudáveis, em nossa opinião, se os contribuintes americanos forem mantidos fora dela", diz o editorial.